

Celeste Garcia
Fernanda Alcântara
Luciana Reis
Renato Bazan

3º JO D

Crítica da letra nas telas

Entrevista com Manuel da Costa Pinto, um dos maiores críticos literários do país

Escritor, apresentador, jornalista ou literato? Afinal, quem é Manuel da Costa Pinto? A resposta, talvez, nem ele mesmo saiba. No alto de seu sobrado, repleto de livros e móveis rústicos, o crítico de literatura revela algumas histórias e pontos de vista sobre a área em que atua há 20 anos.

Formado em jornalismo, Manuel da Costa Pinto já trabalhou na Editora da USP, no Instituto Moreira Salles, na *Folha de S. Paulo*, colaborou com revistas de psicanálise e de literatura, além de ser um dos criadores da primeira revista literária do país, a *Cult*, que até hoje é referência como revista cultural. Atualmente, Manuel da Costa Pinto trabalha no Guia da Folha e na edição especial publicada todo mês pelo jornal, o “Guia da Folha - Disco, Livros, Filmes”, em que indica os lançamentos e dá dicas culturais.

Também é editor do Entrelinhas e apresentador do Letra Livre, programas voltados à literatura exibidos pela TV Cultura. Em uma conversa informal, entre livros e três cachorros nada simpáticos, conversou conosco sobre a infância, a literatura no país e a profissão de jornalista vista sob um outro ângulo. Confira.

Como você começou a se interessar pelo mundo da literatura?

Minha mãe era formada em letras e meu pai era psiquiatra. Não posso negar que recebi dos dois certa influência. Meu pai, por conta de assuntos ligados a psicologia, e minha mãe, pelo fato de gostar de literatura. Mas admito que comecei mesmo a explorar o mundo das letras de forma enviesada.

Eu não era leitor assíduo. Gostava mesmo era de ver televisão: Túnel do tempo, Perdidos no espaço e outros seriados meio “toscos” dos anos 70. E, ao contrário da maior parte das crianças, não curti Monteiro Lobato. Minha primeira leitura realmente apaixonante foi *Asterix*, quadrinho que li e reli várias vezes. Eram incríveis as citações históricas, as referências que ele fazia. O mais interessante é que, mesmo adulto, você pode ler *Asterix* e perceber várias camadas de significados legais. É muito interessante.

Como surgiu seu interesse por Albert Camus?

Quando estava na oitava série, comecei a me interessar muito por política. E daí aconteceu uma coisa muito curiosa. Minha mãe tem uma prima que era freira na época, muito engajada em um movimento chamado Teologia da Libertação [espécie de aliança entre Igreja e pensamento de esquerda, a favor da reforma agrária, divisão de renda etc.]. Quando minha mãe me levou para conhecê-la, ganhei um livro de Dom Pedro Casaldáliga, um padre espanhol de esquerda que foi perseguido no Brasil por conta do regime militar. Ao ler o livro, em algum momento, o autor menciona a idéia de um escritor chamado Albert Camus falando da Caixa de Pandora em que o último dos males é a esperança. Neste ponto, me

interessei pelo autor e passei a procurar mais coisas sobre isso, ainda com quinze anos de idade.

A essa altura, já tinha alguns autores que gostava: Machado de Assis, Clarice Lispector e outros que fui lendo na escola. Comecei a me dedicar a ler a obra de Camus muito cedo. E a partir dele fui constituindo uma espécie de repertório próprio de escritores, começando assim a me afeiçoar pela crítica. Depois caiu na minha mão um livrinho de Horacio Gonzalez que para mim foi decisivo, uma pequena mescla de biografia com análise da obra de Camus. A partir da leitura desse autor, descobri que ler um texto crítico, quando bem escrito e organizado, vira uma maneira interessante para o leitor conviver com o escritor.

Que encanto a análise crítica oferece a você?

Para ser sincero, adoraria ter sido escritor se tivesse talento. Mas, como desde cedo notei que não tinha talento, fui para o lado da crítica e notei o quanto é gostoso trabalhar com isso. Você lê a crítica, você lê o escritor e ainda consegue decifrar a pretensão do texto de forma analítica. A princípio, me encantei com a possibilidade de poder escrever como Horacio Gonzalez.

Por que você escolheu jornalismo?

Para trabalhar com leitura crítica, uma das maneiras mais óbvias seria fazer curso de letras, mas eu não me imaginava, como não consigo até hoje, dando aula em faculdades. A sala de aula não é uma coisa que me atrai, e assim o jornalismo cultural se impôs como opção clara. Não queria trabalhar com futebol, nem com economia nem com política ou cobertura de cidades. Dentro das divisões de um jornal, a única que me atraía era o caderno de literatura. Então, já fui fazer o curso com essa intenção, de trabalhar com letras.

Quando você decidiu ser crítico?

Eu comecei a trabalhar com livros na editora da USP, como assessor de um grande crítico literário chamado João Alexandre. Quando ele saiu da Edusp, no final de 2003, passei em um concurso e fui trabalhar na Folha, no Caderno Mais. Fiquei por dois anos e depois saí para terminar minha tese. Quando voltei, fui convidado por um editor chamado Paulo Lemos para fazer uma revista de literatura, pois naquela época não havia nenhuma publicação voltada para este segmento no Brasil. Ficamos um ou dois anos conversando sobre isto até que, na terceira vez que nos reunimos, ele me perguntou o que eu precisava para criar a revista. Respondi que só era necessário dinheiro para pagar os colaboradores e um computador, pois antigamente era um processo simples. Trabalhei uns três meses com um designer e então criamos a revista *Cult*. A publicação existe até hoje, mas no início era uma revista voltada unicamente para a literatura e só depois é que se diversificou em termos de pauta. A *Cult* surgiu em um momento em que não havia revistas desse tipo, nem em internet, nem nada. Para se ter uma idéia, naquela época a gente não tinha e-mail. A internet estava no início, eu recebia todo o material por disquete. Se o texto vinha impresso, por exemplo, tínhamos que digitar tudo.

Como você foi parar na TV?

Bem, a revista logo se tornou uma referência para a literatura brasileira, e o programa Metrópolis me convidou para fazer um quadro com comentários de livros, da mesma forma que eu escrevia resenhas, fazia entrevistas e reportagens

na *Cult*. Neste meio tempo surgiu um programa chamado Entrelinhas, que foi feito pelo Ivan Marques, um jornalista que se tornou meu amigo durante este processo. Ele colaborava comigo na revista *Cult* e eu trabalhava com ele no programa Metrópolis. Como a literatura foi ganhando espaço na cena brasileira, e ele formulou então o Entrelinhas, junto com diretor do núcleo de arte da TV Cultura. Após este programa, o diretor viu a possibilidade de desenvolver outros projetos e me convidou para fazer o Letra Livre. Comecei mesmo no final de 2007 e estou até hoje. É um programa de debates, em geral com dois escritores, com um público, platéia etc. Com a saída do Ivan Marques do Entrelinhas, e como eu já tinha esta familiaridade com a TV, me convidaram para ser o editor do Entrelinhas, onde eu estou até agora.

Para você, qual é a diferença o trabalho de jornalista na TV e no jornalismo impresso?

Eu prefiro mil vezes o jornalismo escrito, não dá nem para comparar. Acho que o jornalismo escrito permite uma elaboração muito mais minuciosa, mais consistente, muito mais aprofundado que o repórter literário. Também tem a questão do público. Só abre um caderno sobre cultura quem tem interesse prévio nisso, o leitor da *Ilustrada* é o cara que, ao comprar a *Folha de S. Paulo*, vai ler o caderno. O jornalismo realmente cultural se faz no jornal impresso porque o autor sabe que o leitor vai atrás daquele produto em especial. Em termos de satisfação pessoal, o jornalismo impresso me faz sentir mais realizado. O próprio jornalismo de revista é melhor que o da *Folha*. Quando trabalhava na *Cult* eu me sentia muito melhor do que trabalhando em jornal e, por outro lado, a própria *Folha de S. Paulo* me trouxe mais satisfação do que a televisão. É uma satisfação profissional-intelectual.

E o público de TV?

O espectador de televisão é muito flutuante. Até existem aqueles que ligam a televisão na hora do Entrelinhas, para ver especificamente o Café Filosófico ou outros programas, mas é uma parcela muito pequena. A maior parcela dos telespectadores ou vê a TV Cultura porque gosta ou por algum convidado. O público da televisão não é tão especializado quanto o do caderno de cultura, do jornalismo impresso, até porque este universo é muito menor do que o da televisão. Uma revista literária vende entre 5 e 7 mil exemplares e, na televisão, um ponto no Ibope são 60 mil pessoas que estão assistindo. De toda forma, a audiência é muito maior na TV, isso é muito perceptível.

Então porque você continua na TV?

Tem uma questão profissional. As opções de trabalho não são muitas, na TV você tem um emprego fixo e estável, a garantia de que vou poder trabalhar com literatura. E depois tem a questão financeira, porque a TV realmente paga muito melhor do que o jornalismo impresso. Eu ganho mais fazendo o Letra Livre, que é um programa quinzenal, do que o Entrelinhas que é semanal. No segundo, sou editor enquanto no Letra Livre, por ser apresentador, tenho o direito de imagem, o que me faz ganhar muito mais. Em qualquer um dos dois eu ganho mais do que na *Folha*, lembrando que o jornalista do impresso precisa ter muito mais conhecimento, repertório, leitura e dedicação de estudo do que o jornalista televisivo. Esta é uma das injustiças da profissão, é o mundo do espetáculo.

Como é a recepção por parte deste público de televisão? As pessoas te reconhecem na rua?

Com certeza. Já aconteceu de eu estar no supermercado e um senhor me abordar dizendo que gosta das entrevistas que eu faço. Tem gente que me aborda e pergunta se eu sou o filho da Elis Regina [João Bôscoli]. Eu brinco, digo que até sou parecido, que trabalho na TV, mas não sou ele. No circuito literário todo mundo me conhece, mas fora deste universo é mais raro.

Uma vez, no programa *Provocações* (Antônio Abujamra), você disse que “o jornalismo é uma forma de vulgarização e a literatura está totalmente contaminada por ele”. O que te leva a pensar isso? Será possível construir uma literatura hermética de recursos jornalísticos?

Sobre o destaque dessa frase, houve uma crítica ao *Provocações* pelo ombudsman da Cultura, porque dá a impressão de que eu quero dizer que o jornalismo é vulgar. Não houve maldade, mas o ponto é polêmico, daí o motivo da divulgação. Quando falei que o jornalismo é uma forma de vulgarização da literatura é no sentido de que o jornalismo cultural deriva da crítica literária, e de que esta, por sua vez, torna compreensível aquilo que é hermético, obscuro. Então vem a vulgarização, no sentido de tornar o conteúdo palatável, acessível ao leitor não especializado. Por isso é que a frase citada, na verdade, é uma maneira de dizer que o jornalismo se inscreve no processo em que a crítica literária surge para decifrar, tornar comunicável o conteúdo da arte.

Como você vê a importância da crítica literária e a sua evolução ao longo dos tempos?

A crítica literária tem história. Ela surge a partir de uma necessidade de tornar mais compreensível a obra de arte que antes se conseguia entender, mas que passou depois a representar o mundo individual de cada escritor. Isso acontece porque até o século XVI a sociedade é mais homogênea, não há na modernidade a ideia do indivíduo como figura social. Na Idade Média, você não se destaca da multidão, você tem um lugar pré-determinado. A literatura era uma criação coletiva, o bom escritor era aquele que sabia imitar outros autores e modelos. Hoje em dia, escrever à maneira de outro significa plágio, pois os valores são diferentes. Temos a ideia de que cada indivíduo é singular e, logo, cada autor terá sua linguagem e regras próprias, daí a importância da crítica literária na sociedade atual.

Já disse Otto Maria Carpeaux que “estilo é escolha entre o que deve ficar na página escrita e o que deve ser omitido; entre o que deve perecer e o que deve sobreviver”. Isso não se assemelha ao processo de edição? Sendo que você já foi editor por mais de quatro anos na revista *Cult*, será que editor é saber incorporar o estilo da revista em si?

O que ele está falando é que a linguagem é uma seleção de palavras e de procedimentos. Então a linguagem representa o mundo. Se eu quero representar uma família eu posso partir de suas anedotas, seus traumas, de suas traições. E a maneira como vou abordar essa família, as palavras que vou usar, compõem em um estilo. Se sou escritor romântico eu escolho palavras e temas que têm a ver com o tema, um elo entre os personagens e as paixões, a emoção. Se sou um escritor

realista poderia escolher por exemplo, as relações econômicas, crio uma linguagem para isso, uma mais dura, que nomeiam essa concretude das relações econômicas. Há um estilo tanto de olhar a realidade como de escrever sobre ela.

E no seu caso como fica esta questão? Afinal você é editor e também jornalista cultural.

Mas eu optei por ocupar duas funções, o jornalista que edita e o que escreve, e nesta última eu vou ter as minhas convicções literárias traduzidas pelas minhas escolhas. O que não me impede de falar da obra de um escritor devido a sua importância. Eu não gosto de José Saramago, mas reconheço seu valor e se me for dada a tarefa de escrever sobre ele eu não vou cair na ingenuidade de negar por sua escrita ser mais caudalosa, opulenta, algo que não me agrada. Eu vou tentar extrair o que ele tem de melhor para mim. Nessa questão podemos colocar a questão da diferença entre o colunista e o resenhista. O colunista liga para o jornal e define sobre o que ele vai escrever. Já o resenhista receberá a ligação do editor que o perguntará se ele topa escrever sobre tal assunto. Como colunista eu traduzia quais eram as minhas escolhas, como resenhista teremos a nossa maneira de olhar a escolha dos outros.

Como você aproveita no seu trabalho a grande quantidade de livros recebidos? (Manuel tem em sua casa uma vasta biblioteca, além de muitos exemplares em cima de mesas em sua sala de estar).

Todos os dias eu recebo livros como colunista, como editor do Guia da Folha e editor do Entrelinhas. É óbvio que eu não li todos eles, mas acabei desenvolvendo um sentido que te faz reconhecer que tipo de livro é, em qual categoria ele se inscreve, é autor novo ou já reconhecido. Por familiaridade eu reconheço se um livro é o primeiro ou o décimo livro de um autor. Isso para mim é útil para identificar para quem eu vou encaminhar o livro. Eu vou destacá-lo no Entrelinhas na forma de uma entrevista ou de um pequeno lançamento, vou publicar uma resenha no Guia da Folha ou não.

E como jornalista cultural, escritor do Guia da Folha, quais livros você sugere como leitura imprescindível?

É sempre raro ter um autor contemporâneo gigantesco e hoje nos temos o livro Desonra do autor sul-africano Coetzee. É o maior escritor vivo. E o Estrangeiro do Camus é outra dica. Eu gosto muito de ler sobre literatura. Há quem goste de ler o livro e quem gosta de ler sobre o que falam sobre a literatura. Eu acho interessante ver o julgamento do outro, para contrastar a minha opinião com a de outros autores que eu respeito, ver o que ele enxergou e eu ao e vice-versa. E nesse sentido eu acho que o Otto Maria Carpeaux é muito interessante de se ler.